

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

SOPRO

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E TRÊS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Outubro de 2023

ÍNDICE

OS MENSAGEIROS	03
CONDUTA ESPÍRITA.....	05
SEXO E DESTINO.....	06
NO INVISÍVEL.....	07
PASSES E CURAS ESPIRITUAIS.....	07
PASSES E RADIAÇÕES.....	10
MAGNETISMO ESPIRITUAL.....	11
HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE.....	14
A LEVITAÇÃO.....	14
VINHA DE LUZ.....	15
BÍBLIA.....	15
DE MÁRIO A TIRADENTES.....	16
REVISTA ESPÍRITA 1866.....	16
O PASSE.....	17
DA ALMA HUMANA.....	21
AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM.....	21
A FEITIÇARIA EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE.....	21
O PASSE ESPÍRITA.....	22
MAGNETISMO CURATIVO VOLUME I.....	23
MAGNETISMO CURATIVO VOLUME II.....	31
MESMER A CIÊNCIA NEGADA E OS TEXTOS ESCONDIDOS.....	37
REVOLUÇÃO ESPÍRITA.....	37
A GÊNESE.....	37

OS MENSAGEIROS

André Luiz - F.C. Xavier

O SOPRO

Cap. 19 Pág. 103

Depois de interessantes considerações relativamente à situação dos círculos carnisais, Aniceto voltou a examinar nossas necessidades de serviço.

Muito amável, Alfredo ponderou:

- Em virtude da tormenta iminente, poderiam demorar conosco algumas horas, seguindo amanhã, ao alvorecer.

E, com profunda surpresa, ouvi-o afirmar:

- Poderão utilizar meu carro, até a zona em que se torne possível. Fornecerei condutor adestrado e ganharão muito tempo com a medida.

Não podia caber em meu espanto. Embora conhecendo as operações dos Samaritanos em “Nosso Lar” que empregavam grandes veículos de tração animal em trabalhos de salvamento nas regiões inferiores e considerando as dificuldades de vulto que defrontáramos na caminhada longa, rumo ao Posto de Socorro, não supunha possível semelhante condução naquele instituto de auxílio.

Soube, mais tarde, que os sistemas de transporte, nas zonas mais próximas da crosta, são muito mais numerosos do que se poderia imaginar, em bases transcendentais do eletromagnetismo.

Nosso orientador, observou preocupado:

- Entretanto, temos serviços urgentes nos círculos carnisais. Vicente e André precisam iniciar aprendizado ativo.

Alfredo, sorriu, bondoso asseverando:

- Quanto a isso, não necessitaremos de maiores cuidados. Há sempre quefares em toda a parte. Onde houver espírito de cooperação da criatura, existe igualmente o serviço de Deus. Nossos amigos poderiam colaborar conosco, ainda hoje, nas atividades de assistência. Acompanhar-nos-iam, por exemplo, nos trabalhos da prece, nos quais há sempre muita coisa a fazer e muita lição a aprender.

- Excelente sugestão! – exclamou nosso instrutor. – A oração individual, ou coletiva, é sempre vasto reservatório de ensinamentos edificantes.

- Aliás – falou Ismália afetuosa, -, não devemos demorar. Estamos quase na hora.

Nesse momento, como se fora chamado, de súbito, a lembrança de grave compromisso de trabalho, falou o administrador, dirigindo-se à companheira:

- É preciso prevenir Olívia e Madalena das providências que se fazem imperiosas para a noite. Necessitaremos a colaboração de mais alguns técnicos do sopro. Temos alguns irmãos em estado grave, tomados de impressões físicas mais fortes.

- Técnicos do Sopro? – indaguei assombrado, antes que Ismália pudesse fazer qualquer observação referente aos serviços.

- Sim meu amigo – respondeu Alfredo atentiosamente -, o sopro curador, mesmo na Terra, é sublime privilégio do homem. No entanto, quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem.

- Comumente, vivemos por lá, perdendo tempo com a fantasia, acreditando em futilidades ou alimentando desconfianças. Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, toda a extensão deste assunto, poderia criar no mundo os mais eficientes processos soproterápicos.

- Mas, semelhante patrimônio estará à disposição de qualquer Espírito encarnado? – perguntou Vicente, compartilhando minha surpresa.

- Nosso interlocutor respondeu, atencioso:

- Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sopro curativo poderia ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. Entretanto, precisamos acrescentar que, em qualquer tempo e situação, o esforço individual é imprescindível. Toda realização nobre requer apoio sério. O bem divino, para manifestar-se em ação, exige a boa vontade humana. Nossos técnicos do assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiências a preço alto. Em tudo há uma ciência de começar. São servidores respeitáveis pelas realizações que atingiram, ganham remunerações de vulto e gozam enorme acatamento, mas para isso, precisam conservar a pureza da boca e a santidade das intenções.

Compreendendo o interesse que suas palavras despertavam, continuou o administrador, depois de pequena pausa:

- Nos círculos carnis, para que o sopro se afirme suficientemente, é imprescindível que o homem tenha o estômago sadio, a boca habituada a falar o bem, com a abstenção do mal, e a mente reta, interessada em auxiliar. Obedecendo a esses requisitos, teremos o sopro calmante e revigorador, estimulante e curativo. Através dele, poder-se-á transmitir, também na Crosta, a saúde, o conforto e a vida.

E, como Vicente e eu não pudéssemos ocultar a perplexidade, Alfredo considerou:

- Isto não é novo. Jesus, além de tocar naqueles a quem curava, concedia-lhes, por vezes, o sopro divino. O sopro da vida percorre a Criação inteira. Toda página sagrada, comentando o princípio da existência, refere-se a isso. Nunca pensaram no vento, como sopro criador da Natureza? Quanto a mim, desde o ingresso em Campo da Paz, quando fui ali recolhido em péssimas condições espirituais, tenho aprendido maravilhosas lições nesse particular. Tanto assim que, chefiando este Posto, tenho incentivado, com as possibilidades ao meu alcance, a formação de novos cooperadores neste sentido, oferecendo compensações aos que se decidam iniciar a tarefa de especialização, nem sempre fácil para todos.

A esse tempo, ismália recebia algumas colaboradoras de importância que se preparavam para a tarefa.

Impressionado com o que ouvira, acompanhei de perto as providências que se organizavam.

Encontrando-me, porém, mais a sós com Aniceto, transmiti-lhe minha enorme surpresa, respondendo-me ele em tom confidencial:

- Esquecem-se vocês de que a própria Bíblia, aludindo aos primórdios do homem narra que o Criador assoprou na forma criada, comunicando-lhe o fôlego da vida. Referindo-nos aos nossos irmãos encarnados, faz-se preciso reconhecer, André, que, mesmo partindo de

homens imperfeitos, mas de boa vontade, todo sopro com intenção de aliviar ou curar tem relevante significação entre as criaturas, porque todos nós somos herdeiros diretos do Divino Poder. Aliás, é necessário observar também que não estamos diante de uma exclusividade. Você, por certo, passou muito ligeiramente pelo nosso Ministério do Auxílio. Temos ali, grande instituto especializado nesse sentido, onde nobres colegas se votam a essa modalidade de cooperação. No plano carnal, toda boca, santamente intencionada, pode prestar apreciáveis auxílios, notando-se, porém, que as bocas generosas e puras poderão distribuir auxílios divinos, transmitindo fluídos vitais de saúde e reconforto.

Esperava que Aniceto prosseguisse, mostrando-me as qualidades magnéticas do sopro, mas Alfredo acercara-se de nós, operoso e solícito exclamando:

- Estamos no momento destinado aos trabalhos de assistência e oração.
 - Segui-lo-emos com prazer – respondeu nosso instrutor, sorrindo.
- Era necessário interromper a lição, atendendo a deveres diferentes.

OS QUE DORMEM

Cap. 22 §31 Pág. 123

... Dois terços dos quatrocentos abrigados em tratamento receberam passes magnéticos. Alguns poucos receberam aplicações do sopro curador.

EFEITOS DA ORAÇÃO

Cap. 25 §7, §18 Pág. 135, 138

Eminentemente surpreendido, reparei que dois se levantaram, diante de nós. Recordei que ambos faziam parte daqueles que haviam recebido toda a espécie de assistência, inclusive o sopro curativo.....

- Já que vocês se encontram comigo num curso de serviço auxiliador, espero aproveitem o máximo ensinamento desta hora. Reparem que nestes pavilhões, temos mil e novecentos e oitenta abrigados que dormem. Todos recebem diariamente alimento e medicação comuns, mas só quatrocentos são atendidos com alimento e medicação especializados, por se mostrarem mais suscetíveis de justa melhora. Desse quatrocentos, apenas dois terços se revelaram aptos a recepção de passes magnéticos. Muitos não podem receber, por enquanto, a água efluviada. Poucos foram contemplados com o sopro curativo e somente dois se levantaram, ainda assim, profundamente perturbados.....

CONDUTA ESPÍRITA

André Luiz - F.C. Xavier

PERANTE O PASSE

Cap. 28 §12 (104)

Quando oportuno, adicionar o sopro curativo aos serviços do passe magnético, bem como o uso da água fluidificada, do autopasse, ou da emissão de força socorrista, a distância, através da oração.

SEXO E DESTINO

André Luiz - F.C. Xavier

SEGUNDA PARTE I §78 (183)

Com efeito, iniciada a laboriosa remoção que Cláudio e Moreira seguiram, de longe, a cabeça pendida para trás, impeliu o sangue a movimento retrógrado e surgiu a possibilidade de asfixia. Félix controlou, quanto pôde, as mãos dos condutores, e, tão logo a vimos ajustada a novo leito, vali-me do socorro magnético de profundidade que as circunstâncias exigiam. Sentei-me, de maneira a guardar aquele corpo abatido em meus braços, envolvendo-o em meu próprio hálito, numa operação que nos permitiremos nomear aqui por adição de força, cujos resultados se destacam surpreendentes, quando a criatura retida no envoltório físico se mostra nos últimos lances da resistência.

Nesse íterim, Félix aconselhou que eu me adensasse na apresentação, a fim de que Moreira me enxergasse os exercícios. Conservava a esperança de vê-lo oferecer-se para manter a respiração da moça em boa ordem.

Orei, empenhando-me na consecução do objetivo, e quando Nogueira e o acompanhante vararam a porta do quarto em que a administração nos localizara, o vampirizador deitou-me olhar espantadiço.

Cambalearam sensibilizados, aflitos...

Incoercível emoção me tomou a alma.

Cláudio abeirou-se, trêmulo, da filha e rompeu em soluços.

Tanto quanto me era dado perceber, aquela hora significava para ele doloroso balanço de consciência.

Instintivamente, tornou à infância e à mocidade... Lembrou as leviandades primeiras. Irreflexões do passado corporificaram-se lhe na memória. Enfileirou na imaginação os desvarios sexuais das trilhas percorridas. Cada jovem que iludira, cada mulher de cujas fraquezas abusara repontavam-lhe na tela mental, como que a lhe perguntarem pela filha que a vida lhe trouxera...

Aquele homem que me inspirava sentimentos contraditórios e de quem teria desejado distanciar-me, tocado de aversão, me insuflava agora um enternecimento que somente as lágrimas exprimiam!....

Perante a enfermeira impressionada, Cláudio ajoelhou-se e, com ele, pôs-se Moreira genuflexo... Em choro convulso, o pai alisou aqueles cabelos despenteados, contemplou a fisionomia de cera que a morte parecia estar modelando, mirou a face e os lábios

intumescidos por equimoses, aspirou o ar deteriorado que se lhe exalava dos pulmões e mergulhando a cabeça nos lençóis, gritou vencido:

- Ah! Minha filha!... minha filha!...

Quase no mesmo instante, a fronte de Moreira vergou, como se esmagada de sofrimento... Ambos jaziam, ali, debruçados, rente aos meus joelhos, com a mesma rendição dentro da qual Marita se me conchegava ao regaço.

Reconheci que a Providência Divina, em seus desígnios não me aproximava unicamente da vítima. Os verdugos também pediam amor. Segurando a moça inerte, à altura do peito, afaguei-os com a destra, sustentando-me em prece..... E a prece clareava-me o pensamento, corrigindo-me a visão!... Sim, tentando consolar aqueles dois homens que o remorso dobrava em tormento indizível, refleti nos meus próprios erros e compreendi os propósitos da vida!... Não!... Eles não eram os estupradores, os obsessores, os inimigos, os carrascos que eu detestara na véspera!... Eles eram meus amigos, meus irmãos!...

NO INVISÍVEL

Léon Denis

Cap. XV – A FORÇA PSÍQUICA. OS FLUIDOS. O MAGNETISMO **§24 (181)**

A vontade de aliviar, de curar – dissemos – comunica ao fluido magnético propriedades curativas. O remédio para os nossos males está em nós. Um homem bom e sadio pode atuar sobre os seres débeis e enfermiços, regenerá-los por meio de sopro, pela imposição das mãos e mesmo objetos impregnados de sua energia. Opera-se mais frequentemente por meio de gestos, denominados passes, rápidos ou lentos, longitudinais ou transversais, conforme o efeito, calmante ou excitante, que se quer produzir nos doentes. Este tratamento deve ser seguido com regularidade, e as sessões renovadas todos os dias até a cura completa.

PASSES E CURAS ESPIRITUAIS

Wenefledo De Toledo

LIÇÃO DÉCIMA 10ª – PASSES – SOPRO CURADOR

O sopro curador é uma modalidade do passe não muito divulgada entre os espíritas. Entretanto ele é muito empregado pelo magnetismo na prática vulgar, por quase todos os que necessitam de socorrer os doentes em angústia.

Para os passistas, o sopro pode ser:

QUENTE – quando empregado contra queimaduras, inflamações locais, dores etc.

O passe pelo sopro quente é transmitido pela boca; assopra-se com ar aquecido do estômago sobre o local ou sobre toda a pessoa doente, como no gesto de quem deseja aquecer as mãos quando atacadas pelo frio.

O sopro quente é uma modalidade do passe magnético, muito empregado por toda a humanidade no sentido de aliviar uma dor ou um sofrimento qualquer até a uma súbita asfixia. Embora seja desconhecida ainda a atuação dos seus princípios restauradores da saúde, não se ignore, entretanto, sua ação benéfica.

O sopro quente sai da boca do médium saturado de fluidos curadores, umedecidos por vapores aquecidos pelas mucosas gástricas e pelos pulmões. A reparação dos tecidos lesados, já está provado pela ciência oficial com base nos estudos da eletricidade polarizada, não obstante sejam desconhecidos os seus princípios ativos.

O método para aplicar o sopro quente consiste em aproximar a boca da parte enferma, a regular distância, e assoprar quente, também já citado como se fosse para aquecer as mãos do frio, tendo o cuidado de, quando se tratar de doença contagiosa, ou repugnante, recobrir o local com um pano de flanela fina de cor branca. (Muito impróprio para certas localizações)

FRIO – para ação dispersiva, nos acúmulos de fluidos, principalmente nos estados congestivos, depressão nervosa, vertigens e colapso cardíaco.

O passe pelo sopro frio consiste no assoprar-se com o ar vindo dos pulmões; é gesto natural do homem e é de ação dispersadora dos fluidos maus.

O sopro frio, assoprado com força, porém com fôlego bastante longo, envolve todo o doente ou somente a parte afetada, e a sua ação é poderosamente dispersiva. Em certos casos, é muito útil para a separação do obsessor do obsediado. Nisto a nossa experiência tem comprovado em muitos casos, quase que instantaneamente. Este trabalho demanda conhecimento profundo no manejo dos fluidos, moral muito elevada e assistência espiritual, enobrecida nos exemplos evangélicos.

Para aplicação do sopro frio, observa-se a seguinte regra: o médium coloca-se na posição mais conveniente para o trabalho e, depois de inspiração profunda, assopra sobre o doente, com força, como se fosse para apagar uma vela à distância. Repete a operação por (5) cinco ou (6) seis vezes em cada sessão. Recomenda-se muito cuidado nessa operação. Pois em primeiro lugar, a boa saúde do médium deve estar em bom equilíbrio orgânico. O estado de sanidade dos pulmões e do coração é condição essencial. O abuso pode determinar no médium alteração na corrente circulatória de suma gravidade.



Os tratadistas europeus se referem com muito entusiasmo às curas realizadas por intermédio do sopro quente ou frio. Na medicina há casos de reanimação do doente com perda completa dos sentidos, pela intensidade do sopro frio.

Embora as virtudes do sopro curativo sejam ainda muito discutidas por uns e elogiada por outros, nós espíritas, não aconselhamos a sua prática, pela mesma razão de condenarmos o uso de tocar os doentes com as mãos. O sopro ainda tem o perigo de contágio de moléstias de que possa ser portador o próprio médium.

Para melhor compreensão, vamos especificar em quadro demonstrativo abaixo:

DIVISÃO DO SOPRO

QUENTE	{	- Estimulante
		- Cicatrizante
		- Descongestionante
FRIO	{	- Calmante
		- Revigorador
		- Dispersador de Fluidos
		- Curativo

O cientista J. Ochorowicz relata, para comprovar a transmissão das forças fluídicas de um corpo para outro, o fato de um magnetizador ter tomado dois copos de vinho e logo em seguida passar a magnetizar, tendo por resultado imediato o doente apresentar sintomas visíveis de embriaguez, sem, entretanto, ter tomado uma gota sequer de qualquer bebida alcóolica.

Esta citação vem confirmar o que já afirmamos, de que cada um dá o que tem, referindo-nos aos médiuns passistas. Prova cabal de que o médium com saúde alterada não deve dar passes, pois em vez de levar curas ao doente, levará pelo contágio, mais enfermidades ao pobre, já de si tão atormentado pelos sofrimentos.

Embora as virtudes curativas dos passes pelo sopro sejam muito proclamadas pelos seus propagadores, nós os espíritas praticantes não aconselhamos o seu uso corrente, já o dissemos. Oferece muitos inconvenientes tanto para o médium, para o paciente como para a doutrina. Salvo para os que estão seguros do ato que praticam. Por exemplo: se um obsediado não se liberta na hora de seu obsessão, o médium estará desmoralizado, sabido como é que muitos efeitos se processam muito tempo depois. Mas os ignorantes e impacientes querem o milagre, e este, sabe Deus quem o poderá fazer.

Como elemento básico no preparo técnico do sopro, há de considerar que um hálito que afluja pela boca impregnado de fluidos viciados pelo álcool, fumo, vapores de condimentação fortes e molhos apimentados ou pelas eructações ácidas do estômago, não se presta para fins terapêuticos do sopro.

Se o que entra pela boca, sem o necessário cuidado de seleção contamina o sopro, que diremos então da boca que não se resguarda das palavras que criam nuvens escuras em torno da sua aura e as irradia para o próximo? A boca que está cheia de lodo e imundícies, como poderá emitir fluidos limpos e sãos para curar os enfermos?

Todo e qualquer servidor do bem deverá compreender que não estando em condições salutar física e moralmente, não poderá de forma alguma encetar os serviços de assistência aos necessitados, seja aos espíritos ou aos encarnados, sob pena de infringir as leis naturais vibratórias, e, conseqüentemente passível de punição, embora seja esta imediata ou mediata.

A medicina de sopro é muito extensa e no segundo volume da série “Medicina Espiritual”, a ser editado futuramente por nós mesmos, será tratado com mais detalhes e explicações elucidativas.

A soproterapia é de grande eficácia no tratamento de diversas doenças ou enfermidades que afetam o corpo carnal e o perispírito. Razão por que podemos afirmar que o sopro, no capítulo dos passes, já possui uma terapêutica-fluídica especializada, com referência à medicina espiritual. Porém, como para bem fazer é preciso aprender, para exercer a soproterapia é preciso escola, a fim de que se façam técnicos e não apenas curiosos. Escolas que façam o aprimoramento do intelecto e do moral elevado.

“Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sopro curativo poderia ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. Entretanto, precisamos acrescentar que, em qualquer tempo e situação, o esforço individual é imprescindível. Toda realização nobre requer apoio sério. O bem divino, para manifestar-se em ação, exige a boa vontade humana. Nossos técnicos do assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiência a preço alto. Em tudo há uma ciência de começar. São servidores respeitáveis pelas realizações que atingiram remunerações de vulto e gozam de enorme acatamento, mas, para isso, precisam conservar a pureza da boca e a santidade das intenções.

- Nos círculos carnis, para que o sopro se afirme suficientemente, é imprescindível que o homem tenha **ESTÔMAGO SADIO**, a **BOCA HABITUADA** a **FALAR O BEM** com a abstenção do mal e **MENTE RETA**, interessada em auxiliar. Obedecendo a estes requisitos, teremos o sopro calmante e revigorador, estimulante e curativo. Através dele, poder-se-á transmitir, também na Crosta, a saúde, o conforto e a vida.”

PASSES E RADIAÇÕES

Edgard Armond

O SOPRO **Cap.22 (153)**

O tratamento pelo sopro é também conhecido de há muito tempo e nos tratados de magnetismo se intitula **insuflação**.

Consiste em insuflar com a boca, mais ou menos aberta, o hálito humano sobre as partes doentes, fazendo-o penetrar o mais fundo possível na área dos tecidos. Para isto é necessário que o operador aspire ar, previamente, em quantidade suficiente para dilatar seu

tórax, além do normal; deve possuir capacidade respiratória bem ampla, o que pode obter com continuados e adequados exercícios de respiração profunda

O sopro pode ser quente ou frio, o primeiro quando se aproxima a boca, aberta, da parte doente, com a simples separação de um pano poroso, preferencialmente de lã; e o segundo quando se sopra com os lábios unidos, a certa distância do corpo.

O sopro quente concentra fluidos e o frio os dispersa.

No espaço, em suas colônias, recolhimentos e outras organizações de auxílio esta cura possui desenvolvimento muito amplo e tem caráter sensivelmente mental-criativo: o operador insufla vida e força nos corpos doente e constrói na própria mente o quadro das reações benéficas que visa obter.

Os técnicos desse tratamento, conhecedores como são do metabolismo psíquico individual e possuindo, a par disso, apreciável capacidade vidente, acompanham pari-passu os efeitos da aplicação, levando-a até os limites necessários; assim, obtêm os resultados mais objetivos e promissores.

A esta modalidade de tratamento, mais que a qualquer outra, se aplicam as advertências que fizemos a respeito do contato físico entre operador e paciente. Somente indivíduos dotados de exemplar moralidade devem se dedicar a esta tarefa.

MAGNETISMO ESPIRITUAL

Michaelus

Cap. X - §35 (85)

“Um Sr. R., atacado de perturbações graves na bexiga, havia sido muitas vezes examinado por diversos especialistas, os quais nada encontraram de anormal na coluna vertebral. Fiz colocar o Sr. R na cama e resolvi explorar o trajeto raquidiano pelo sopro. Quando cheguei ao nível das vértebras lombares, o doente, que até então não se movera sob as primeiras insuflações, mexeu-se rapidamente, perguntando que havia eu enterrado no dorso. Custou-me demonstra-lhe que a minha ação tinha sido feita uniforme e tão somente o meu sopro havia determinado aquela sensação dolorosa. Tive que recomençar muitas vezes para convencê-lo, e, depois de muitas provas ficou claramente demonstrado que ao nível das primeiras vértebras lombares havia uma região muito limitada, que recebia do sopro uma ação diferente da que era exercida tanto acima quanto abaixo. Esse ponto correspondia ao principal ponto nervoso que leva precisamente a enervação à bexiga e a todos os órgãos desta dependente. No fim de algumas semanas, quando o tratamento magnético regularizou a circulação nervosa, a sensibilidade mórbida desse ponto lombar desapareceu e a enervação se fazia, de então em diante, sem paradas e sem obstáculos.”

Cap. XII §24 (108)

Poderoso meio de dispersão é a insuflação fria, de que trataremos a seguir.

Segundo a versão que nos dá o Velho Testamento, a vida foi transmitida ao homem pelo sopro: “Do pó da terra formou Deus Jeovah ao homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida; e o homem tornou-se um ser vivente.”

Se as leis da Natureza opõem à concepção adâmica sobre a formação do homem razões poderosas e decisivas, não se pode recusar ao versículo, entretanto, a forte expressão de um simbolismo. Na verdade, o primeiro sopro anuncia a vida, e o último sopro, ou, como dizemos na linguagem corrente, o último suspiro, assinala a morte do corpo.

Os pulmões, órgão da respiração, são, no homem robusto e sadio, uma importante fonte de energia vital de que ele pode utilizar-se para o bem de seu semelhante enfraquecido ou doente. Quando se respira a plenos pulmões, apresenta-se realmente todas as aparências de saúde, ao passo que a dificuldade de respirar indica muitas vezes uma fraqueza geral, um desequilíbrio das funções vitais. A medicina valeu-se muitas vezes da insuflação de boca a boca nos casos de asfixia e, especialmente, de morte aparente dos recém-nascidos.

Os magnetizadores, em sua generalidade, sempre usaram com êxito as insuflações, classificando-as em quentes ou frias.

O processo da insuflação quente é o seguinte: Coloca-se sobre a parte do corpo, onde se quer acionar, um lenço, ou um pano das mesmas dimensões, dobrado em quatro, de lã, linho ou algodão (preferencialmente de flanela branca). Aplica-se a boca sobre o lenço, e, enchendo os pulmões com a máxima quantidade de ar que possam conter, sopra-se uma expiração muito lenta e o mais prolongado possível, sem empregar contração, nem força. Esgotada a provisão de ar, levanta-se a cabeça, afasta-se a boca, e, aspira-se o ar ambiente, pelo nariz, nova provisão, e, aplicando novamente os lábios sobre o pano, começa-se outra insuflação.

Aplicadas seis (6) insuflações sucessivas, é conveniente descansar alguns minutos para aplicar outra série, sendo necessário.

Deve-se ter o cuidado, ao recomeçar cada insuflação, em não aspirar conservando os lábios junto ao pano. Tal maneira de proceder prejudicaria o efeito propulsivo, que é essencial à insuflação, além do perigo de absorções nocivas para o magnetizador.

Quando a insuflação desenvolve um calor suave no local, e quando esse calor se espalha pelas regiões vizinhas, é um bom sinal, porque se prenuncia que a circulação sanguínea se faz livre e normalmente. No caso contrário, devem repetir-se as insuflações para total desobstrução de qualquer possível descongestionamento.

As insuflações quentes são empregadas com excelentes resultados nos ingurgitamentos, nas obstruções, asfixias, dores de estômago, cólicas hepáticas ou nefríticas, enxaquecas, afecções glandulares, dores de ouvido, surdez etc., tendo grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo as têmperas, os olhos, as orelhas, o epigástrico, o baço, o fígado, os rins, a coluna vertebral e o coração.

Precisamente porque a insuflação quente é demasiadamente excitante, deve-se tomar o cuidado de não aplicá-la quando houver lesões profundas e, especialmente nos casos de aneurismas do coração e da aorta, e nos casos de tuberculose adiantada. Deleuze e Du Potet vão mais longe, asseverando que é sempre perigosa qualquer ação magnética em tuberculosos em grau avançado.

A insuflação quente pode também ser feita à distância de uns poucos centímetros, em lugares mais acessíveis, como a cabeça, os olhos os braços, os dedos etc. Nesse caso, não há

necessidade de aplicar os lábios, e, em vez do sopro lento e prolongado, expirações muito curtas e sucessivas, como se costuma proceder para limpar os óculos e para aquecer os dedos e as mãos no tempo de frio.

Quando as conveniências não permitirem o sopro direto sobre certas partes do corpo, os magnetizadores costumam empregar um tubo de vidro, mais ou menos longo, tendo uma das extremidades aplicada diretamente sobre o pano, e através do qual fazem a insuflação.

Sobre a ação poderosa da insuflação quente é típico o exemplo citado por Deleuze e por Aubin Gauthier.

M. Thiriat, professor de ginecologia e médico nas águas de Plombières, formara segura convicção sobre a ação magnética. Depois de um acidentado parto a criança estava quase asfixiada, com os batimentos do coração fraquíssimos e lentos. Aplicou, primeiramente, fricções e imersão em água tépida, sem nenhum resultado. Foi, então, que se decidiu agir mais diretamente sobre o coração e o diafragma. Aplicou na região desses dois órgãos um pano seco e começou a soprar quente sobre o coração, depois sobre a parte anterior e interior do tórax, conseguindo assim estabelecer o funcionamento regular do coração, depois de desesperado de obter qualquer êxito pelos meios terapêuticos ordinários.

A insuflação é fria quando executada numa distância de 30 (trinta) centímetros à 1 (um) metro e, conforme o poder do operador, a uma distância maior.

Pode-se verificar por uma experiência pessoal que a insuflação é tanto mais fria quanto mais longa a distância em que for executada.

Faz-se a insuflação fria soprando com rapidez e violência sobre a parte que se quer atuar, tal qual como alguém de longe tenta apagar uma vela.

A insuflação fria é calmante e refrigerante, constituindo-se um poderoso e efficacíssimo processo de dispersão. É usada com excelentes resultados para combater as dores de cabeça, convulsões, agitações febris, ataques nervosos etc. Aplicada na testa e nos olhos, desperta o paciente magneticamente adormecido, como também faz cessar as crises na epilepsia.

Nem todos os magnetizadores possuem um sopro poderoso e eficaz. Cahagnet afirma, no que lhe diz respeito, que não conhece recurso tão poderoso, citando, a propósito, o caso de sua sonambula. Adélia Maginot:

A sonâmbula era lúcida. Cahagnet dava, invariavelmente, aos sonâmbulos lúcidos plena liberdade de apreciação, discussão e ação, durante o sono magnético. Em consequência de uma altercação com seu magnetizador, porque este não quis consentir que ela se erguesse da cadeira sem ser antes despertada, Adélia Maginot resolveu abandonar a sessão naquele estado sonambúlico. Depois de ter empregado pacientemente todos os meios suasórios, a sonambula o desafiou a impedir sua saída. Os lúcidos têm as vezes desses caprichos que colocam o magnetizador num grande embaraço. Cahagnet estava, pois, diante deste dilema: ou travar uma luta corporal com a sonambula, de uma força extraordinária, ou abandoná-la neste estado na via pública, deixando-a enfrentar os mais graves perigos. Recuperando a calma, e fiado na sua vontade e na sua força magnética, colocou-se resolutamente em frente da sonâmbula, pensando que ela não passaria. Puro engano! O magnetizador foi violenta e brutalmente lançado para um lado, enquanto a fechadura da porta era estridentemente arrancada e atirada ao chão. Numa ação rápida Cahagnet saí pela porta contígua e novamente se coloca face a face com a sonâmbula e, apesar da distância de cerca de (2) dois metros que

o separava desta, soprou-lhe fortemente sobre a testa. E tal foi a força da insuflação que a magnetizada instantaneamente vacilou, para cair em seguida em cheio nos braços do magnetizador, que assim a amparou. Grande foi, então, a surpresa do magnetizador, vendo a senhora, antes tão irritada e voluntariosa, levar a mão à testa, como se tivesse recebido um profundo golpe, e em seguida recuperar toda a calma.

HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE

Cesar Lombroso

OS TAUMATURGOS CRISTÃOS Parte II Cap. V (206)

Um Monge do convento de S. Caetano de Tiena caiu e fraturou uma perna. O médico, depois de lhe haver aplicado, em vão, diversos remédios, decidiu proceder a amputação. Poucas horas antes de que esta tivesse lugar, S. Caetano se aproximou do leito dele, confortou-o, convidando-o a orar; depois mandou que tirasse as bandagens da perna, beijou-a, fez sobre ela o sinal da cruz, e determinou que a enfaixasse novamente. E retirou-se.

Pela manhã, o médico encontrou a perna completamente sã.

A santidade não era considerada requisito indispensável para execução de tais prodígios. Também Santo Agostinho reconhece haver pessoas que podem curar diversas feridas com o olhar, com o contato ou com o sopro.

A LEVITAÇÃO

Albert de Rochas

CASOS CONTEMPORÂNEOS DO OCIDENTE A – Observações do Magnetizador La Fontaine Cap. IV §30 (62)

À força de insuflações quentes sobre o coração, o estômago e o cérebro, fiz que ela voltasse gradualmente à vida. Isto durou meia hora. Fiz-lhe depois passes em todo o corpo, desde a cabeça até os pés, durante duas horas, mantendo um sono benéfico e restaurador. No fim desse tempo, arquejante, exausto, mas triunfante e contente comigo mesmo, acordei a doente e desembarcei-a inteiramente.

Então, tive a felicidade de ouvir a Sra. de A... dizer que jamais se sentira tão bem como nesse momento.....

VINHA DE LUZ

Emmanuel - F.C. Xavier

Cap. 11 (33) ABRE A PORTA

“E havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.” – (João, 20:22.)

Profundamente expressivas as palavras de Jesus aos discípulos, nas primeiras manifestações depois do Calvário.

Comparecendo à reunião dos companheiros, espalha sobre eles o seu espírito de amor e vida, exclamando: “Recebei o Espírito Santo”.

Por que não se ligaram as bênçãos do Senhor, automaticamente, aos aprendizes? Por que não transmitiu Jesus, pura e simplesmente, o seu poder divino aos sucessores? Ele que distribuía dádivas de saúde, bênçãos de paz, recomendava aos discípulos recebessem os divinos dons espirituais. Por que não impor semelhante obrigação?

É que o Mestre não violentaria o santuário de cada filho de Deus, nem mesmo por amor.

Cada espírito guarda seu próprio tesouro e abrirá sus portas sagradas à comunhão com o Eterno Pai.

O Criador oferece à semente p sol e a chuva, o clima e o campo, a defesa e o adubo, o cuidado dos lavradores e a bênção das estações, mas a semente terá que germinar por si mesma, elevando-se para a luz solar.

O homem recebe, igualmente, o sol da Providência e a chuva de dádivas, as facilidades da cooperação e o campo da oportunidade, a defesa do amor e o adubo do sofrimento, o carinho dos mensageiros de Jesus e a bênção das experiências diversas; todavia, somos constringidos a romper por nós mesmos os envoltórios inferiores, elevando-nos para a luz divina.

As inspirações e os desígnios do Mestre permanecem à volta de nossa alma, sugerindo modificações úteis, induzindo-nos à legítima compreensão da vida, iluminando-nos através da consciência superior, entretanto, está em nós abrir-lhes ou não a porta interna.

Cessemos, pois, a guerra de nossas criações inferiores do passado e entreguemo-nos, cada dia, às realizações novas de Deus, instituídas à nosso favor, perseverando em receber, no caminho, os dons da renovação constante, em Cristo, para a vida eterna.

BÍBLIA

Diversos

Gen.2, v.7

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.

Jó 27, v.3

Enquanto em mim houver alento, e o sopro de Deus no meu nariz,

João 3, v.08

O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

João 20, v.22

E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

DE MÁRIO A TIRADENTES

Marilusa Moreira Vasconcellos - Tomas Antonio Gonzaga

Cap. V REAÇÕES - (67)

Na cama, Cósroe começou a se aquietar. Marta aproximou-se dela e começou a falar com um ser que eu não via. Cósroe respondia na mesma estranha linguagem, para mim intraduzível. Após alguns minutos de conversa o semblante da síria se desanuviou. Colocando a mão à nuca e testa da robusta mulher, assoprou-lhe as têmporas e a testa. Ela caiu pesadamente no catre, adormecendo profundamente. Suor estranho porejava de sua testa. Marta o enxugou com um lenço e a cobriu.

- Ela está bem – falou sorrindo para mim, demonstrando não só que estava segura de seus poderes, como se satisfazia em prová-los a mim.

- Tens certeza? – perguntei.

- Sim. Estou certa. Ela está bem.

REVISTA ESPÍRITA 1866

Allan Kardec

SONAMBULISMO MEDIÚNICO ESPONTÂNEO

344-Nov 2º

Outrora inutilmente tinham procurado magnetizá-lo; desde algum tempo ele cai espontaneamente no sono magnético, sob a influência da mais leve causa; basta que escreva algumas linhas mediúnicamente e, por vezes, uma simples conversação. Em seu sono tem percepções de uma ordem mais elevada; fala com eloquência e aprofunda com lógica notável as mais sérias questões. Vê os espíritos perfeitamente, mas a sua lucidez apresenta graus diversos, pelos quais passa alternativamente; o mais ordinário é o semi-extase. Em certos momentos exalta-se e, se experimentar uma viva emoção, o que é frequente, exclama com uma espécie de terror, e isto muitas vezes em meio da mais interessante palestra: **Desperta-**

me imediatamente, o que seria imprudente não fazer. Muito felizmente, indicou-nos o meio de o despertar *instantaneamente*, e que consiste em soprar fortemente em sua frente, pois os passes magnéticos produzem um efeito muito lento, ou nulo.

O PASSE

Jacob Melo

CAP. VIII AS TÉCNICAS **2.7 – O Sopro (As Insuflações) -(203)**

“Então formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra, e lhe *soprou* nas narinas o *fôlego da vida*. E o homem passou a ser alma vivente.” (grifamos)

“O Espírito *sopra* onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jesus) – (Grifamos)

Primeiro, na simbologia da gênese humana, encontramos um registro notável e indelével da vitalidade do sopro; depois vemos o Mestre em explicação ainda inacessível ao nosso vão conhecimento, apresentar a criação espiritual na figura do sopro divino. Querer desprezar tão relevantes aspectos não condiz com nosso raciocínio pois, por inferência, o sopro é a imagem da vida. Tanto que, de maneira reversa, vulgarmente se diz, quando alguém desencarna: “Deu o último suspiro!”, com isso simbolizando o “fim” da vida.

Além desses aspectos bíblicos, é reconhecido o fato de que o magnetismo tem contribuído enormemente para o estudo, e na aplicação, desse poderoso agente terapêutico. Por ele sabemos que existem duas técnicas distintas para a sua aplicação. Tanto quanto ao método como ao objetivo.

2.7.1 – A Insuflação à Frio

Esta, também conhecida por insuflação fria, é executada a uma distância de 30 centímetros e até mais de um metro de afastamento do paciente, se tornando tanto mais fria quanto mais longa for a distância em que seja praticada. Executa-se soprando-se com rapidez e vigor sobre a parte que se deseja atuar, tal como se tentássemos apagar uma vela acesa a distância.

Seu efeito é refrigerante e calmante e funciona como um precioso processo de dispersão. Pode ser usado para combater dores de cabeça, agitações febris, ataques nervosos, queimaduras etc. E quando aplicada na testa e nos olhos, desperta o paciente magneticamente adormecido, quer por magnetizador, quer por processo obsessivo, e ainda faz cessar crises de epilepsia.

Uma questão que merece ser considerada, todavia; nem todos os magnetizadores possuem um sopro eficaz, assim com, no geral, nem todos são felizes em todas as técnicas. Alguns existem, como já vimos, que não precisam sequer fazer imposição de mãos enquanto outros só conseguem grandes efeitos quando consorcia praticamente todas as técnicas num único atendimento.

Esta técnica é usada com grande proveito em pacientes que indevidamente “incorporem” nas cabines de passe e se demorem a sair do estado de torpor em que muitas vezes ficam após tal ocorrência. Nestes casos, o passista usa o sopro com bastante vivacidade, mirando a região frontal, entre os olhos. Quando assim proceder, deve-se ter o

cuidado de segurar ou apoiar o paciente, especialmente se ele estiver em pé pois, dependendo da maneira como venha a despertar, poderá ter vágados repentinos e cair ou desequilibrar-se. Fora este cuidado, não existe registro de qualquer outro inconveniente ao paciente.

2.7.2 – A Insuflação a Quente

Ao contrário da primeira, a insuflação a quente, ou insuflação quente, é executada na forma de contato físico, da seguinte maneira: coloca-se um lenço ou um pequeno pano (que dependendo do caso pode ser a própria roupa do paciente) sobre a parte que se deseja magnetizar; após se fazer uma longa inspiração, aplica-se a boca sobre o lenço ou pano e começa-se a soprar uma expiração muito forte e o mais demorado possível, até esgotar toda a reserva de ar dos pulmões, sem empregar contração nem força na boca. Esgotada a provisão de ar, levanta-se a cabeça, afasta-se a boca e aspira-se pelo nariz, do ar ambiente, o qual deverá ser saudável, nova reserva de ar, repetindo-se o mesmo procedimento. Após um máximo de seis insuflações quentes, havendo necessidade de mais aplicações, convém descansar um pouco, pois se trata de técnica extremamente fatigante.

Este tipo de insuflação (a quente) é muito feliz “(...) nos ingurgitamentos, nas obstruções, asfixias, dores de estômago, cólicas hepáticas ou nefríticas, enxaquecas, afecções glandulares, dores de ouvido, surdez etc., tendo grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo, as têmporas, os olhos, as orelhas, o epigástrico, o baço, o fígado, os rins, a coluna vertebral e o coração.

Principalmente porque a insuflação quente é demasiadamente excitante, deve-se tomar o cuidado de não aplicá-la quando houver lesões profundas e, especialmente, nos casos de aneurismas do coração e da aorta, e nos casos de tuberculose adiantada. Deleuze e Du Potet vão mais longe, asseverando que é sempre perigosa qualquer ação magnética sobre os tuberculosos em grau avançado. (Michaelus)

Aproveitando o ensejo, continuemos com Michaelus na mesma citação: “A insuflação quente pode também ser feita à distância de uns poucos centímetros, em lugares mais acessíveis, como a cabeça, os olhos, os braços, os dedos etc. Nesse caso, não há necessidade de aplicar os lábios, e, em vez do sopro lento e prolongado, fazem-se expirações muito curtas e sucessivas, como se costuma proceder para limpar os óculos e para aquecer os dedos e as mãos em tempo de frio.

Quando as conveniências não permitem o sopro direto sobre certas partes do corpo, os magnetizadores costumam empregar um tubo de vidro, mais ou menos longo, tendo uma das extremidades aplicadas diretamente sobre o pano, e através do qual fazem a insuflação.

Dessas colocações podemos aditar algumas considerações.

1 – Esta técnica fornece uma série de inconvenientes, tanto a nível do magnetizador quanto do magnetizado, muito embora, por seus notáveis efeitos, isso não invalida seu potencial.

2 – Para aplicá-la, o magnetizador deve ter uma saúde muito equilibrada, principalmente aos órgãos ligados aos aparelhos respiratório e digestivo, além de um coração sem restrições clínicas.

3 – Se dando por contato, as transferências fluídicas são sensivelmente afetadas pelas emanções psicobiofísicas dos órgãos internos do passista, pelo que certos “desarranjos”

deste poderão vir a atingir a intimidade celular do paciente de forma indevida e imprópria, o que só reforça a necessidade de cuidados especiais com a saúde do passista.

4 – Uma alimentação bem balanceada e o cuidado e a limpeza dos dentes, a fim de evitar o mau hálito, são indispensáveis.

5 – Como a insuflação quente se dá por toque, e com os lábios sobre o corpo de paciente, surge a possibilidade de se criar induções perniciosas, tanto na mente do magnetizador que esteja despreparado moralmente quanto do paciente inadvertido, pelo que todo cuidado é pouco!

6 – A presença do tubo de vidro aventada por Michaelus não tem qualquer respaldo doutrinário para que seja usado na Casa Espírita. Como os fluidos não seguem necessariamente a bitola física do frasco, este se torna dispensável, salvo se para evitar o toque direto da boca do magnetizador junto ao paciente.

7 – No referente ao pano, alguns magnetizadores fazem restrições à seda e a outros materiais sintéticos. Em nossa maneira de ver isso não faz muito sentido, especialmente no passe espírita, pois se o fluido atravessa distâncias e barreiras inconcebíveis, por que razão não venceria tão singelo obstáculo? De outra forma, acreditamos que a presença do pano tem por finalidade precípua evitar o toque no corpo do paciente diretamente com os lábios, com isso minimizando os efeitos das emanções puramente orgânicas do magnetizador sobre a pele do paciente. Por isso mesmo, podemos concluir que o pano serve mais como filtro físico que como coadjuvante fluídico do passe.

Concluindo, advertimos que, em virtude de ser uma insuflação muito ativante e concentrada, a necessidade de dispersão localizada logo após seu emprego é uma verdadeira determinação. Para tal dispersão pode ser usada uma circular tal como já descrita.

2.5.1 – Dispersão Circular

Por serem muito excitantes e na maioria das vezes atuarem em regiões físicas muito restritas, normalmente, após a aplicação de quaisquer das variedades do circulares ou sopro a quente, se verifica uma concentração fluídica localizada muito forte, requerendo, por isso mesmo, uma dispersão também localizada e muito ativa. Para tanto, uma dispersão muito própria existe: põe-se a mão sobre o ponto que se quer dispersar, à mesma distância que se usou para o passe ou até mais próximo, com a palma voltada ao ponto que se quer dispersar, arcando-se os dedos para cima, inteiramente abertos, firmes e imóveis, como se se quisesse dobrá-los para trás. Nessa hora o magnetizador perceberá nitidamente os fluidos vindos do ponto observado como que penetrando no meio da palma da mão e a esvaírem-se por seus dedos, em direção ao espaço etérico. Além de dispersiva, esta técnica é excelente para fazer cessar dores localizadas, resolver tumores e inflamações. Atentemos, todavia, para a nossa posição mental, pois não é o simples arcar dos dedos que fará fluir fluidos dispersáveis; nossa disposição e comando mentais nesse sentido são indispensáveis.

2.7.3 – Uma Visão Espiritual do Sopro

Busquemos agora o Espírito André Luiz para apreciarmos suas colocações a respeito do sopro.

“(…) Necessitaremos a colaboração de mais alguns *técnicos do sopro*. Temos alguns irmãos em estado grave, tomados de impressões físicas mais fortes (disse o instrutor espiritual Alfredo).

“- Técnicos do sopro? (...)”

“- Sim, meu amigo (...), *o sopro curador*, mesmo na Terra, é o sublime privilégio do homem. No entanto, quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem. (---) Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, toda a extensão deste assunto, *poderia criar no mundo os mais eficientes processos soproterápicos*.

“- Mas, semelhante patrimônio está à disposição de qualquer Espírito encarnado? (...)

“- Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sopro curativo poderia ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. (...) (...) nossos técnicos no assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiências a preço alto. *Em tudo há uma ciência de começar* (...), mas, para isso, precisam conservar a pureza da boca e a santidade dos intensões.

“(...) Referindo-nos aos nossos irmãos encarnados, faz-se preciso reconhecer, André, que, mesmo partindo de homens imperfeitos, mas de boa vontade, *todo sopro com intenções de aliviar ou curar tem relevante significação* entre as criaturas, porque todos nós somos herdeiros diretos do Divino Poder (...) temos, ali (no Ministério do Auxílio), grande instituto especializado neste sentido, onde nobres colegas se votam a esta modalidade de cooperação. No plano carnal, toda boca santamente intencionada, pode prestar apreciáveis auxílios, notando-se, porém, que as bocas generosas e puras poderão distribuir auxílios divinos, transmitindo fluidos vitais de saúde e reconforto.

Apesar de longa, gostaríamos de analisar esta citação:

1 – Existem “técnicos do sopro” no plano espiritual e, inclusive, um instituto especializado no assunto. Perguntamos: e por que não aqui também? Se não a especialização, por que não a prática, de forma evangélica, religiosa, metódica e séria?

2 – O problema é que, “quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros”. E de quem será a culpa? Será das instituições ou de nós mesmos, os médiuns, que nos acomodamos?

3 – E a grande maioria de nós podemos movimentar esse benefício, mas, “o esforço individual é imprescindível”. Pena que isso parece tolher muitos dos “melhores propósitos” da maioria.

4 – “Bocas generosas e puras”, “transmitindo fluidos vitais de saúde e reconforto”; uma imagem que nos parece distante. Mas podemos fazer tudo isso, desde que nos disponhamos a atingir o degrau de evolução que nos compete alcançar. Se podemos chegar lá, precisamos iniciar a jornada quanto antes; se sabemos “o caminho”, “pé na estrada”!

5 – E, vejamos bem, já está registrado no plano espiritual o termo “processos soproterápicos”, como instituição que devemos “criar no mundo” material. Não estamos aqui inventando nada, nem mesmo termos ou expressões; esperemos não demormos muito a vencer certas barreiras...

*

Em termos de técnica, vimos tratar das mais comuns e suas, oriundas das escolas magnéticas, e que podem ser perfeitamente adaptadas ao passe espírita, como, a rigor, ao longo das explicações, bem o demonstramos. O bom senso, o critério, a experiência e o

estudo metódico e sério dos passistas, aliado às condições de cada instituição, saberão orientar o melhor há fazer para se aproveitar os conhecimentos que adquirimos, adaptando-os, moldando-os às características espíritas, modulando-nos para não incorrerem em comodismos nem nos atirarmos no despropósito da ritualização ou encenação fantasiosa.

DA ALMA HUMANA

Antonio J. Freire

CAP. V §62 (111)

...., a desmagnetização do médium desde que o Espírito comunicante seja de inferior categoria moral, empregando-se os passes magnéticos transversais conjugados com os sopros magnéticos frios.

AS POTÊNCIAS OCULTAS DO HOMEM

Dr. A. A. Martins Velho

CAP. XII §114 (388)

Nesta ocasião o diretor auxilia também o médium fazendo-lhe sobre a cabeça e tronco alguns passes magnéticos transversais, e dá-lhe alguns sopros enérgicos sobre os olhos.

A FEITIÇARIA EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

Albert de Rochas

NOTA L §9 (201)

Numerosos exemplos provam que as emoções vivas têm o caráter comum de aumentar o escoamento do od. A princesa de Ligne, quando seu filho era por todos declarado perdido, lançou-se sobre ele e o cobriu com o corpo, como em êxtase, durante uma meia hora, e o cerrou contra o coração, até que ele voltou à vida. O Dr. Desprès, vendo sua mulher em agonia, recusou seguir seus amigos, que o queriam afastar do leito, pediu-lhes que saíssem e, uma vez só, despiu-se e tomou a sua mulher nos braços, para a aquecer. Ao cabo de vinte minutos ela voltou à existência e alguns dias depois achava-se com saúde. A força magnética

do hálito quente se explica da mesma maneira. Conta Borelli que um criado, a sua volta do campo, encontrando o seu senhor no leito de morte e feitos os preparativos para o enterro, abraçou-o com persistência e lhe soprou na boca até que ele voltou à vida. Relata Cohausen, segundo Grubelius, que uma mulher que acabava de dar a luz pela primeira vez, tinha tido uma síncope e estava considerada como morta. Sua serva fiel logo correu, deitou-se sobre ela e lhe soprou na boca até que ela voltou a si: o médico lhe perguntou onde aprendera este remédio extraordinário; ela respondeu que o tinha visto aplicar em Altenburg e que sabia que as parteiras muitas vezes traziam à vida crianças recém-nascidas que passavam por mortas. Esse fato se acha numa obra de Cohausen, cujo título lembra uma inscrição sobre mármore, encontrada em Roma e, segundo a qual, um certo Clodius Hermippus tinha vivido cento e quinze anos e cinco dias, graças ao sopro quente de moças – *puciliarum anhelitu* - ; esta inscrição não nos diz se esse romano era um diretor de um instituto de moças ou de foi imitando o exemplo do rei David que ele chegou a este resultado. As experiências de Reichenbach e toda a bibliografia do magnetismo nos ensinam que o sopro, em razão de sua origem nos processos químicos do pulmão, constitui uma fonte de od importante. Os sensitivos constataam que seu sopro é luminoso, assim como o de outras pessoas. Mas como a emanção ódica se faz por toda a superfície do corpo, a presença de uma pessoa bem sadia por vezes basta para dar forças a um doente. Observou-se numa agonizante que ela caía em seu leito, pálida e sem respiração, como morta, cada vez que seu marido, que outrora a tinha magnetizado, deixava o quarto e ela voltava sempre a si, quando ele voltava. O médico pediu insistentemente ao marido que se afastasse definitivamente; acabou obtendo-o; então a mulher recaiu e não se ergueu mais....

O PASSE ESPÍRITA

Luiz Carlos de Melo Gurgel

COMO APLICAR O PASSE

3ª Parte - Cap. II

Sopro Quente §30 (124)

O sopro quente é um passe de concentração de fluidos que apresenta forte ação cicatrizante sobre os tecidos da região onde é aplicado. É, portanto, indicado para tratamentos de inflamações, torções, hematomas, cólicas e dores localizadas em geral. Ele deve ser executado sempre, como todo passe de concentração de fluidos, depois de uma fase inicial de dispersão.

O sopro quente é executado enchendo-se completamente os pulmões e depois soprando-se todo o ar com a boca bem aberta.

Esse tipo de passe é, hoje em dia, relativamente pouco utilizado e muitos apresentam, a seu respeito, restrições de natureza higiênica. Justamente parra minimizar este aspecto é que se recomenda não seja aplicado diretamente sobre o paciente. Aplique o sopro quente sobre um lenço e depois leve-o ao local que pretende atingir. Na falta de um lenço limpo, pode-se usar a própria mão.

Sopro Frio §33 (124)

O sopro frio é um passe dispersante de fluidos que também apresenta uma ação revitalizante dos tecidos que constituem o sistema nervoso central. Ele pode ser aplicado, com bons resultados, em casos de desmaios, crises nervosas, incorporações indesejáveis etc.

A técnica para aplicação do sopro frio difere bastante da utilizada no sopro quente. Primeiro porque ele tem de ser aplicado diretamente sobre o paciente e depois porque o ar deve ser expelido dos pulmões aos pouquinhos, mantendo-se a boca quase totalmente fechada. É como se estivéssemos soprando para apagar uma vela.

Nos casos em que se deseja interromper uma incorporação indesejável o sopro frio é um recurso que pode e deve ser utilizado, pois sua ação é bastante eficaz, devendo-se proceder da seguinte maneira: coloque-se o passista lateralmente ao corpo do paciente e possa uma das mãos, bem aberta e com os dedos juntos, na altura das sobrancelhas do paciente, como a imitar a aba de um boné. Sobre da forma já indicada, começando pela testa do paciente e prossiga pela linha mediana da cabeça até atingir a parte posterior do pescoço. Repita todo o processo calmamente por cinco ou mais vezes, tendo sempre o cuidado de manter os lábios a não mais de 10 (dez) cm da cabeça do paciente. É fundamental que durante todo o processo se esteja mentalizando a dispersão de fluidos e a retomada do controle e consciência do paciente.

Observe-se que, no processo acima descrito, estará o passista atingindo, em sequência, os centros: frontal, coronário e laringeo, além do córtex cerebral, do cerebelo e a parte superior – cervical – da medula.

MAGNETISMO CURATIVO VOLUME 1

Alphonse Bué

CAPÍTULO IX

Das insuflações

Ação curadora e vivificante do sopro. Insuflações quentes, sua ação tônica e ativa. Tratamento das obstruções, engorgitamentos, síncofes, asfixias. Exemplos de ressurreições operadas pelo sopro. O sopro é um dos meios mais seguros de auscultação. Insuflações frias, sua ação refrigerante e dispersiva.

133. O sopro traz consigo a vida: é uma emanção pessoal ativa. A insuflação deve, portanto, ter uma ação curadora. Tem um efeito bastante poderoso.

Os efeitos benéficos da insuflação foram observados em todas as épocas, como os do tocar, e desde os primeiros tempos do renascimento do magnetismo o sopro foi assinalado como um dos meios magnéticos mais ativos.

Em alguns pacientes, diz o Sr. de Jusieu, em seu sábio e judicioso relatório ao rei, o calor, insinuado no estômago pelo sopro, espalhava-se prontamente por todo o corpo e

determinava ligeira umidade e suores.

Emprego, diz o Sr. de Bruno, um processo dilatador, calmante e fortificante: é o sopro quente sobre a parte irritada e onde as dores são muito vivas. Sirvo-me do sopro em várias circunstâncias, e sempre o emprego com êxito. (Aubin Gauthier).

134. A insuflação é quente ou fria. Aquece e é ao mesmo tempo tônica, dilatadora, dissolvente e calmante. A fria é refrigerante. Uma ativa as correntes e carrega, a outra rompe as correntes e desprende.

135. Para soprar quente, coloca-se sobre a parte do corpo em que se quer ativar um pano dobrado em quatro, como um lenço (lã, linho ou algodão), mas a flanela branca é preferível. Aplica-se a boca sobre esse pano, e armazenando bastante ar, sopra-se uma expiração muito lenta e o mais prolongada possível, sem empregar contração nem força. Quando se tem chegado ao fim da expiração e sente-se que vai faltar o sopro, levanta-se a boca, aspira-se algum tempo o ar para encher os pulmões; depois deste processo, coloca-se de novo os lábios no pano, e começa-se outra insuflação.

Assim continua-se tendo cuidado, no intervalo de cada insuflação, de nunca abastecer-se de ar conservando os lábios apoiados no pano: além do perigo de absorções mais ou menos nocivas para o operador, esta maneira de proceder poderia, até certo ponto, prejudicar o efeito propulsivo que é o caráter especial da insuflação.

É também necessário não soprar quente diretamente sobre a pele, depondo nela os lábios sem um isolador: além do mau efeito que podem produzir os contatos que a decência exclui, a insuflação quente prolongada não tem efetivamente toda a sua ação senão quando é praticada através de um corpo permeável intermediário; a espessura das roupas e das cobertas favorece-a em vez de lhe ser nociva.

136. Entretanto, pode-se às vezes exercer uma ação quente pelo sopro sobre certas partes que as conveniências permitem insuflar diretamente, tais como os dedos, as mãos, os braços, os olhos, algumas articulações, o alto da cabeça. Pode-se então soprar diretamente sem empregar nenhum pano intermediário. Neste caso, faz-se a insuflação na distância de alguns centímetros, sem pousar os lábios, e, em vez de uma longa expiração, faz-se expirações curtas e sucessivas, como quando, por ocasião dos grandes frios, procura-se reaquecer os dedos, a fim de evitar-se a dormência. Estas insuflações quentes à distância são mais dilatadoras e calmantes que as primeiras. Empregam-se principalmente com vantagem em todos os estados congestivos sanguíneos ou purulentos, panarícios, moléstias suspeitas, tersóis, queimaduras, fluxos e enxaquecas.

Tive ocasião de obter um dia sobre mim mesmo uma prova bastante concludente acerca do efeito benéfico dessas insuflações à distância:

Há cerca de vinte anos, estando junto à minha lareira, tive o descuido, ao tomar uma xícara de chá, de derramar todo o conteúdo dela, queimando-me completamente na parte dorsal da mão esquerda. Sobreveio-me a ideia de tirar deste pequeno incidente uma experiência, e, dividindo em duas partes iguais por um risco de lápis a superfície da queimadura, pus-me durante toda a tarde e com perseverança, a soprar uma das metades, tapando a outra com um cartão e deixando-a entregue a si própria. No dia seguinte pela manhã, verifiquei que até ao limite traçado a lápis, a epiderme da parte insuflada na véspera não tinha nenhum traço de queimadura, enquanto, a partir deste limite, o mal havia seguido o

seu curso e a epiderme da parte não insuflada estavam tumefatos. Esta prova parece-me concludente.

137. As insuflações quentes têm um grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo, as têmporas, os olhos, as orelhas, o coração, o epigástrico, o baço, o fígado, a coluna vertebral e os rins.

Combatem as obstruções, os engorgitamentos, as síncope, as asfixias, as dores do estômago, as cólicas hepáticas ou nefríticas, as enxaquecas, as afecções glandulosas, a catalepsia, a letargia, as dores de ouvido, a surdez, as supressões etc.

Favorecem o movimento circulatório de todos os líquidos da economia e a transpiração, despertam os movimentos do coração e da respiração.

Nas contrações espasmódicas a insuflação feita sobre uma região em que passa o tronco principal dos nervos que se vão distribuir num membro, basta para tirar a rigidez e tornar flexível todas as partes que recebem deste tronco nervoso a vida e o movimento; e, para fazer cessar o espasmo ou a contração, quando a insuflação produziu o seu efeito, que a calma sobreveio e a dor foi aliviada, cessa-se de soprar e conduz-se para as extremidades com o auxílio de passes à distância. (102)

Depois de um parto laborioso feito pelo Dr. Thiriart, a criança nasceu meia asfixiada. Apesar dos meios empregados em casos tais, o Dr. Thiriart, professor de partos e médico nas águas de Plombières, não conseguindo chamá-la à vida, decidiu-se a agir mais diretamente sobre o coração e diafragma: aplicou sobre a região desses dois órgãos um pano seco e limpo, começou a soprar a quente sobre o coração, depois sobre toda a superfície do tórax, e deste modo chegou a estabelecer o funcionamento regular da respiração, determinando na criança uma primeira inspiração profunda. "Esta espécie de ressurreição, que eu desesperava de obter pelos meios ordinários, diz o Dr. Thiriart, realizou-se depois de cerca de uma hora de influxo magnético." (Extraído da Biblioteca do magnetismo, tom. IV, p. 149)

Eu mesmo tive, muitas vezes, ocasião de observar a virtude curadora das insuflações, e pessoalmente devo-lhes um verdadeiro tributo de gratidão, porque em dois casos muito graves permitiram-me restituir a saúde a meus filhos.

Eis o primeiro caso:

Meu filho tinha então cinco ou seis anos. Uma noite fomos despertados em sobressalto pelos seus gritos: à primeira vista julguei da gravidade de seu estado: sua voz era surda e sibilante, seus olhos cavos se enchiam de lágrimas. O nariz estava afilado, os músculos do pescoço, enrijecidos, os violentos espasmos que partiam do diafragma, a cabeça voltada para trás, a boca aberta, as narinas trêmulas e procurando debalde o ar que lhe faltava, tudo indicava que não havia um momento a perder. Concentrando toda a minha energia vital na ideia de disputar meu filho ao perigo que parecia ameaçá-lo, principiei a magnetizá-lo. Comecei desembaraçando-lhe a garganta, passando de leve os meus dedos em ponta desde a parte posterior das orelhas até aos ombros, seguindo os trajetos das jugulares, depois multipliquei as insuflações quentes por diante do pescoço, por detrás das orelhas e sobre a nuca. Quando vinha a sufocação, de modo que a criança se erguia ansiosa por sobre o travesseiro, e depois dobrava violentamente a cabeça para trás, prestes a perder a respiração, eu punha de lado as insuflações e impunha fortemente as mãos, uma sobre os rins, a outra sobre o umbigo, de modo a atuar sobre o diafragma, e logo depois as contrações cessavam.

Recomeçava então vigorosamente a ação do sopro, que era também aplicado à base do coração e ao epigástrico.

Pelas 9 horas da manhã, após cinco horas angustiosas, durante as quais minha mulher e eu havíamos passado por todas as alternativas da dúvida e da esperança não somente a criança estava salva, como ainda não restava da moléstia nenhum traço; e ao vermos o sorriso do nosso filho inteiramente curado, interrogamos a nós mesmos se não tínhamos sido o brinquedo de um terrível pesadelo.

Em outra circunstância, na época em que a influenza assolava Paris, tinha então meu filho quinze anos. Num domingo ele preparava-se para sair depois do almoço, quando, de repente, sem que nada pudesse fazer prever o que ia acontecer, o menino atirou-se sobre uma poltrona queixando-se de um incômodo súbito; o seu rosto decompunha-se, invadia-o um frio glacial, e ele queixava-se de dores vivas na nuca.

Essas dores tornaram-se em alguns momentos muito intensas, a ponto de se tornar impossível despi-lo e transportá-lo para a cama: qualquer movimento era-lhe doloroso, e toda a mudança do lugar era-lhe impossível. Ignorávamos por completo a que atribuir este mal fulminante que nos enchia de inquietação; debalde procurava-se levar o calor às extremidades geladas, e meio algum dava bom resultado. Tomei a deliberação de me postar diante da poltrona em que jazia meu filho quase inanimado, tomei-o pelo corpo, e fiz-lhe demoradas e ardentes insuflações sobre o coração; bastou isto para reanimá-lo. Em poucos instantes o calor voltou aos pés, às mãos, ao rosto: e o sangue, afluindo ao cérebro, que parecia até então inanimado, provocou fortes comichões na testa e no couro cabeludo. Aproveitei-me deste momento para despi-lo e deitá-lo, e instalei-me à sua cabeceira, recomeçando as insuflações sobre a nuca e sobre o coração, alternando-as com passes e imposições. O menino caiu numa meia sonolência que, pelas seis da tarde, terminou pelo repouso, tirando-nos por último, de nossa cruel ansiedade. Tudo tinha acabado, e não existia mais traço algum desse mal misterioso e súbito, que durante toda a tarde nos tinha sobressaltado; o doente recuperava o seu apetite e alegria, teimando em levantar-se, imediatamente, para compartilhar do jantar, como de costume.

Evidentemente, às insuflações devemos esta transformação visível de um estado crítico que nos tinha alarmado tão intensamente. Um de nossos amigos presentes, que se associara às nossas angústias e à nossa alegria conforme as peripécias do tratamento, pode dificilmente acreditar naquilo que presenciaram os seus olhos!

138. As insuflações não atuam somente no começo das moléstias agudas de marcha rápida, como a que acabamos de citar; das longas síncope, imagens da morte, em que a alma parece ter abandonado para sempre o seu invólucro, o sopro, quente retém a vida prestes a escapar-se e induze-a às funções que deve desempenhar.

Os anais magnéticos fornecem-nos numerosos exemplos de ressurreições deste gênero. Eis dois fatos dignos de nota:

O primeiro é relatado por Puységur em seu livro *Recherches physiologiques*. A Sr a Princesa de Ligne, da família Pozzo di Borgo, que com certeza jamais ouvira falar em Mesmer nem de sua doutrina, tinha doente um de seus filhos de berço. Obrigada a sair para negócio importante, aproveitou-se do momento em que seu filho adormecera: mas qual não fora a sua surpresa quando, ao entrar em casa, viu todos os seus em pranto: a criança jazia inanimada

em seu berço. O médico que, a toda pressa, se chamara, não havia ainda chegado! Sem ouvir mais, sem dar um gemido, obedecendo apenas ao sentimento maternal que a dominava, a Sr a de Ligne precipitou-se para seu filho, arrancando-o do berço e, no transporte de seu delírio, atirou-se ao chão sobre o tapete, envolveu-se, juntamente com o corpinho da criança, em tudo o que pode encontrar para reanimá-lo, apertou-o de encontro ao coração, e cobriu-o com o seu hálito. Assim conservou-se numa espécie de êxtase doloroso, e como que aniquilada em sua profunda dor. Ninguém ousou aproximar-se, nenhuma força humana seria capaz de arrancá-la a essa atração onde o sentimento materno prendeu-a magneticamente, quando finalmente os gritos da criancinha chamaram-na à realidade tirando-a da sua imobilidade. Ergueu-se, descobriu-a, e a criança estava salva!... Não está aí patente, diz Puységur, um admirável exemplo de magnetismo instintivo?

O segundo fato é referido pelo Dr. Foissac:

Entre as curas operadas pelo Dr. Desprez, há uma, diz ele, que é importante notar: a de sua mulher. Em consequência do parto, ela experimentou acidentes muito graves, contra os quais todos os socorros foram inúteis. A doente perdeu forças, e sentindo-se aproximar-se da morte, dirigiu a seu marido um último adeus e caiu sem sentidos. Seus irmãos e suas amigas, acreditando-a morta, quiseram tirar o Dr. Desprez do quarto, mas, retido não sei por que esperança, ele recusou-se e pediu que o deixassem a sós com ela. Logo que saíram, apressa-se em fechar a porta, despe-se, deita-se junto de sua mulher, toma-a em seus braços, e procura reaquecer o seu corpo gelado com o seu hálito e contato. Ao cabo de vinte minutos, ela dá um profundo suspiro, abre os olhos, reconhece-o e recupera a palavra!... Poucos dias depois, estava restituída à saúde. (Foissac, *Rapports sur le magnétisme*, p. 272)

Estes dois fatos notáveis que li na obra de Aubin Gauthier, traziam-me ainda pensativo, quando sobreveio, no 11o regimento de couraceiros de que eu fazia parte, um terrível acidente: um dos nossos camaradas, o capitão B... ao montar um cavalo foi violentamente atirado ao chão, sobre a calçada por uma repulsa inesperada do seu animal, e nesta queda, tendo ofendido a cabeça ficou sete ou oito dias sem sentidos.

Todos os dias íamos ao hospital, para onde ele fora transportado, receber notícias do nosso infeliz camarada. Ainda o vejo estendido como um cadáver naquele leito do hospital com o rosto macilento, imóvel, os braços nus pendentes para fora do leito, por sobre vasos colocados no chão, a fim de receberem o filete de sangue que lentamente escoava-se gota a gota, da veia aberta pelo bisturi. Faziam-se tentativas para tirá-lo do seu estado de letargia sangrando-o ligeiramente.

Esta singular maneira de chamar à vida a este corpo inerte, que parecia exangue revoltava-me a lógica e o bom senso, e várias vezes nestas visitas quotidianas, tive a ideia de aconchegar o pobre moribundo aos meus braços e fazer-lhe insuflações no coração, convicto de que eu lhe restituiria assim a vida mais rapidamente, do que poderiam fazê-lo aquelas sangrias mortíferas; porém, nessa época, eu não possuía ainda o fervor, nem a experiência que a prática me deu mais tarde, e confesso, para minha vergonha, que não tive a coragem de minha opinião.

Seria, afinal, muita ousadia em meu modo de pensar colocar-me de encontro às tradições rotineiras do hospital, e demais eu devia contar com a disciplina militar que mantém todas as iniciativas à distância!

Somente no oitavo dia o nosso pobre camarada recuperou os sentidos, porém, devido ao tratamento que sofrera, caiu num tal estado de prostração, que, depois de uma longa convalescença o cérebro anemiado foi atacado de loucura e alguns meses mais tarde sobreveio a morte.

A minha intervenção logo após o incidente teria conseguido salvar o meu camarada? Não o teria afirmado nessa época; mas hoje, depois de tudo quanto tenho visto, estou intimamente convencido, e há vinte anos que esta ideia muitas vezes me enche de pesar. 139. A insuflação é um dos meios de auscultação mais seguro. Quando ela desenvolve um bom e suave calor, e que a corrente calórica repercute profundamente e ao longe ramificando-se aos órgãos vizinhos do lugar em que se sopra quente, é um sinal de circulação livre e normal.

Se a insuflação não desenvolve nenhum calor ou muito pouco pelo menos, e que o calórico não se irradia em derredor do ponto insuflado, é sinal de que as partes estão congestionadas e que se está em presença de um estado congestivo sanguíneo, mais ou menos acentuado.

Enfim, se a insuflação desenvolve uma comichão, um prurido, a sensação penível de um contato mais ou menos doloroso, uma queimadura, é que no ponto insuflado há obstrução e falta de circulação nervosa.

Para auscultar a coluna vertebral, faz-se deitar o paciente sobre o ventre e procede-se a insuflações sucessivas a partir da nuca até abaixo dos rins, e seguindo cada vértebra nos pontos de inserção dos ramos nervosos.

Seguindo esse método, pude muitas vezes descobrir pontos doentes em lugares onde os meios comuns de auscultação nada poderiam encontrar.

Um indivíduo, Sr. R. de 60 anos de idade, atacado de perturbações graves na bexiga, tinha sido muitas vezes auscultado por diversos especialistas que nada haviam encontrado de anormal na coluna vertebral. Fiz colocar o Sr. R. sobre a cama, e dispus-me a explorar o trajeto raquidiano pelo sopro. Quando cheguei ao nível das vértebras lombares, o meu doente, que até então não se mexera com as primeiras insuflações, moveu-se bruscamente perguntando-me o que lhe havia eu enterrado no dorso. Dificilmente convenci-o de que a minha ação tinha sido uniforme, e que tão somente o meu sopro havia determinado aquela sensação dolorosa. Tive que recomeçar muitas vezes para convencê-lo, e depois de muitas provas ficou demonstrado absolutamente que ao nível das primeiras vértebras lombares havia uma região muito limitada que recebia de meu sopro uma ação diferente daquela que era exercida tanto acima como abaixo. Esse ponto correspondia ao principal tronco nervoso que vai precisamente levar a enervação à bexiga e a todos os órgãos que lhe são dependentes. No fim de algumas semanas, quando o tratamento magnético regularizou a circulação nervosa, a sensibilidade mórbida desse ponto lombar desapareceu, e a enervação fez-se de então em diante sem parada e sem obstáculo...

140. A insuflação fria, dissemos, possui uma ação essencialmente dispersiva e refrigerante. É um dos mais poderosos processos de dispersão, de que falaremos mais tarde.

Para soprar frio, fica-se colocado numa distância de 50 centímetros a um metro, e dirige-se sobre o ponto que se quer atuar um sopro rápido e violento, como se quisesse soprar de longe uma luz e apagá-la.

O sopro frio se emprega e com vantagem nas dores de cabeça, nas agitações febris, convulsões, ataques nervosos.

Se ao magnetizar sobrecarregou-se a cabeça ou o epigástrico, pode-se ter certeza de desembaraçá-los soprando frio e de longe. (Deleuze)

141. Quando se quer fazer uma insuflação sobre uma lesão que repugna insuflar diretamente, pode-se empregar um tubo de vidro do comprimento de 20 a 30 centímetros e de diâmetro um tanto avantajado. Coloca-se a extremidade inferior em um pano que se estende sobre a parte doente, apóiam-se os lábios sobre a outra extremidade e o sopro penetra tão perfeitamente como se a boca estivesse em contato. Insuflações de dispersão

148. A dispersão pelo sopro se faz soprando frio à distância e com muita vivacidade, como já acima foi dito (140).

149. Toda a ação à distância, imposições fixas (97) ou passes lentos (101), podem produzir contraturas, como já foi acima referido (142).

A resolução das contraturas assim produzidas obtém-se pelo toque e os processos de dispersões seguintes:

150. Contratura do queixo. Tocar levemente os dois maxilares com a ponta dos dedos, com as duas mãos desde a orelha até o mento, e terminar este duplo contato nesse lugar por uma ação viva de retirada para si, como se quisesse arrancar alguma coisa.

Se dois ou três passes deste gênero, feitos um após outro, não bastarem para produzir a resolução da contratura, deve-se soprar frio à distância sobre os maxilares, e fazer passes transversais diante da boca.

151. Contratura do pescoço. Tocar de leve os músculos do pescoço com as pontas dos dedos de ambas as mãos, desde a nuca até abaixo do mento ou por detrás das orelhas até à extremidade das espáduas passando sobre as jugulares, e terminar este passe pela viva ação de retirada prescrita mais acima (150), soprar frio sobre a nuca e fazer passes transversais.

152. Contratura do braço. Fazer com ambas as mãos, ou com uma só, um passe muito vivo à distância (ou tocando de leve com a ponta dos dedos), desde o ombro até a extremidade do braço, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre o lugar da sangria e o punho, fazer passes transversais.

153. Contratura da perna. Fazer com ambas as mãos ou com uma só, um passe muito vivo à distância (ou de leve com as pontas dos dedos), desde o quadril até a extremidade do pé, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre a curva da perna e o tornozelo, e fazer passes transversais.

154. Contratura do diafragma. Com ambas as mãos fazer um passe muito vivo à distância (ou tocando de leve com as pontas dos dedos) desde o epigástrico até os quadris, e terminar o passe por uma ação viva de retirada, soprar frio sobre o epigástrico, e fazer passes transversais.

155. Contratura geral. Se o corpo estiver em contratura na sua totalidade, fazer sucessivamente os passes de dispersão prescritos mais acima, sobre os braços (152), sobre as pernas, (153) e sobre o epigástrico (154), soprar frio sobre a testa e sobre o epigástrico, e fazer passes transversais da cabeça aos pés (145).

156. Uma contratura nem sempre é o resultado de uma única e mesma causa.

Em cada paciente, em razão de sua idiosincrasia e do seu temperamento, as

correntes centrífugas e centrípetas estão longe de se equilibrarem da mesma maneira: em um, a contratura virá dum excesso de condensação dispersiva (efeito centrífugo), em outro dum excesso de condensação resolutive (efeito centrípeto) (108).

Ora, por outro lado, como as ações magnéticas possuem, conforme sua natureza, um efeito concêntrico ou excêntrico mais ou menos notável sobre as correntes, pode acontecer, em certos casos, que a resolução de uma contratura se obtenha por processos inteiramente opostos.

Em tal paciente, por exemplo, faz-se contratura à distância e o mais leve contato basta para trazer a resolução; em tal outro, pelo contrário, o menor contato produz contratura e a resolução só se pode fazer à distância. Só a sagacidade do operador é que pode guiá-lo na escolha dos meios apropriados.

Frequentemente tive ocasião de averiguar na produção do fenômeno esta singular anomalia, que efetivamente não é mais que aparente, porque ela se prende ao funcionamento natural das forças excêntricas e concêntricas das correntes. Eis um exemplo:

Senhorita M..., 28 anos, hipertrofia do ovário direito, contratura de todo o lado direito do corpo.

Quando no estado magnético, a contratura do lado direito cessa espontaneamente e todos os membros readquirem a flexibilidade. Somente, a paciente é de uma sensibilidade magnética extrema, a tal ponto que o mais leve contato estranho, um simples atrito nas roupas ou na epiderme, bastam para provocar instantaneamente um estado cataléptico, do qual só com muito esforço pode-se fazer sair a paciente e afastando-se dela cinco a seis metros. Um dia ao falar à senhorita M., eu, sem querer, tocara-lhe no corpo; aconteceu que tive de levar mais de uma hora para fazer cessar a catalepsia imediata, produzida pelo meu contato: a manifestação fazia-se lentamente, quando eu me retirava para a extremidade do aposento, mas logo que me aproximava da cama da doente, manifestava-se a catalepsia de novo. Foi-me necessário passar para o compartimento vizinho, cuja porta conservou-se aberta a fim de desprendê-la completamente e, quando após algum trabalho, eu consegui isso, abandonei o compartimento sem reentrar no quarto da doente. Eis aí um caso de sensibilidade magnética inteiramente excepcional, felizmente; mas ele demonstra que, ao contrário do que se passa mais comumente, o contato pode determinar contraturas, em vez de produzir a resolução.

157. Existe acerca da dispersão uma opinião errônea, que é preciso notar e que provém de um velho preconceito baseado na teoria dos fluidos: alguns magnetizadores acreditam ainda hoje no bom e no mau fluido; os processos chamados purificatórios, que empregam, quer antes, quer depois de cada magnetização, é um testemunho deste fato.

Quando o doente imbuído deste erro vos diz, ao procederdes à dispersão no fim de uma sessão: "Não tireis mais do meu bom fluido!" ele se engana. Nada se lhe tira pela dispersão.

A dispersão é uma operação que tem simplesmente por objeto romper a corrente. É fácil de observá-lo quando um braço contraído, mantido horizontalmente em uma posição absolutamente rígida pela contratura, cai de repente sob o impulso enérgico de um único sopro frio à distância ou quando um paciente sensível, conservado durante

algum tempo sob a influência da emissão radiante, cai subitamente para trás debaixo do sopro frio rápido que lhe projetais na testa, como se o fio que o retinha preso à magia se rompesse subitamente.

O desprendimento é uma ação puramente dinâmica.

MAGNETISMO CURATIVO VOLUME 2

Alphonse Bué

Psicofisiologia

Magnetismo e Hipnotismo – Sonambulismo – Fascinação Sugestão mental –
Clarividência – Catalepsia e Letargia Lei Fenomênica da Vida – Saúde – Moléstia
– Remédio

Primeira Parte Cap. II §24

Pelas imposições e os passes, acionam-se mais ou menos o cérebro e o epigástrico e procura-se manter um justo equilíbrio entre esses dois centros de vida nervosa; pelos passes longitudinais e imposições, carrega-se; pelos passes transversais e o sopro frio a distância, dispersa-se; aumenta-se ou diminui-se assim, à vontade, a profundez do estado sonambúlico, que apenas deve ser produzida por ações graduadas com paciência e tato indefiníveis; e é assim que se chega, progressivamente, a estabelecer entre magnetizador e magnetizado esse estado de simpatismo que o Dr. Ochorowicz tão perfeitamente descreveu:

Cap. V - 3º Caso §20

Pouco depois, essa melhora acentuou-se rapidamente: a vida parecia renascer sob o meu sopro, a respiração, menos curta, tornava-se mais livre; o cérebro acordava, o pensamento surgia, e com ele a lembrança, a palavra e quase a alegria: já não estava o pobre amigo, como pela manhã, absorvido, ofegante, indiferente a tudo quanto se passava ao derredor: conversava agora, mudava de posição, agitava-se; certa ocasião, reportando mesmo as suas lembranças para os nossos tempos de colégio, cantarolou, risonho, uma canção inglesa, com a qual, naquela época, eu havia alcançado alguns aplausos! Que transformação! E quanto me sentia pago dos meus esforços, vendo-o alegrar-se pelo alívio que experimentava nos seus sofrimentos! Estávamos todos jubilosos! Um só ponto negro subsistia no horizonte: a função renal, inteiramente suprimida desde muitos dias, ainda não reaparecera, e, enquanto não se manifestava, mantinha-me inquieto.

Cap. IX

Defesa do advogado Charles Ledru no Tribunal de Paris
4º caso – Efeitos poderosos do Magnetismo no crupe

O crupe, o espantinho das mães! Quem não conhece esse terrível flagelo que todos os anos ceifa tantas existências?

É geralmente quando a noite vai em meio, que explode, como o raio, essa moléstia. A criança, depois de um dia de bem-estar e de alegres diversões adormeceu, suavemente, embalada pelas carícias maternas; seu último olhar foi um sorriso a que respondeu um beijo maternal; na casa tudo repousa, naquele lazer que dá o doce quietismo da felicidade e da esperança; nada parece dever perturbar aquela calma paz doméstica. Entretanto, de súbito, no silêncio da noite, um grito rouco ecoa até o coração materno, e ela acorre ao leito da criança. Esta, desperta em sobressalto, debate-se já contra a sufocação; a voz é sibilante e afônica, os olhos cavam-se e enchem-se de lágrimas; o nariz aperta-se, os músculos do rosto enrijecem; violentos espasmos, partindo do íntimo das vísceras, contraem o umbigo e provocam uma tosse seca e metálica, que termina em grito semelhante ao de um frango.

Com a presciência que lhe dá a sua ternura, a pobre mãe aflita compreendeu a iminência do perigo: é o crupe! esse inimigo do qual tantas vezes ouvira falar e instintivamente temia. Eis, pois, o terrível mal que arrebatava as criancinhas ao amor das mães...Que fazer?

A casa, ainda há pouco tão sossegada, se movimenta; há um vaivém de criados que se apressam.

– Um médico, depressa!...

Virá o médico àquela hora da noite? Onde encontrá-lo? É preciso procurá-lo, decidi-lo a vir.

Na cidade, as portas estão fechadas, dormem todos profundamente; o médico que foram chamar está à cabeceira de outro doente.

No campo... como são longas as distâncias!

Quantas causas de demora...

E, entretanto, o tempo foge, os instantes são contados, a moléstia prossegue a sua obra, os espasmos redobram, a tosse torna-se surda; uma espécie de ruído característico, semelhante ao vaivém da serra que morde a pedra, faz-se na laringe; a pobre criança, com a cabeça violentamente dobrada para trás, músculos contraídos, boca aberta, narinas dilatadas, em vão procura a respiração que lhe falta; esta torna-se estertorosa aos beijos maternos; e, no meio dos seus soluços, a mãe atira ao céu um apelo desesperado.

Enfim, chega o médico.

Toda a esperança daquela mãe concentra-se nele. O facultativo é o homem da Ciência, que conhece a moléstia; é o salvador que traz o remédio.

Doutor, salvai-a.

Oh! desilusão! O homem da arte, insuficientemente armado contra o mal, nem sempre é portador daquilo que se espera. Chamado, vem com todas as incertezas, todos os erros de uma ciência incompleta, que nos desvendou ainda muito pouca coisa das leis da vida.

Efetivamente, que será essa misteriosa potência que, em equilíbrio normal, preside ao desenvolvimento regular do nosso ser e ao funcionamento dos nossos órgãos, porém que, uma vez desviada do seu curso, origina esses prodigiosos fenômenos de desassimilação que fulminam o organismo dentro de alguns instantes?

A Ciência não o diz.

Na criança, em quem essa força está em toda a atividade de edificação, esses como descarrilamentos da Natureza são ainda mais notáveis do que no adulto; nessa primeira fase do crescimento, o equilíbrio vital assemelha-se a essas agulhas imantadas, que o menor sopro faz desviar dum polo a outro; ele flutua, instável no seu centro; um nada restabelece-o; daí,

essas febres violentas, essas convulsões da primeira idade, que se desenvolvem instantaneamente e se conjuram do mesmo modo.

O crupe apresenta o exemplo dum desses singulares fenômenos de desvio vital.

A evolução da moléstia é tão rápida, a febre tão intensa, que mil complicações imprevistas podem surgir: o sangue se decompõe; vegetações numerosas, espontâneas, invadem as mucosas; é um abalo geral da vida, ocasionando tudo o que se tem a temer: hemorragias, paralisias, gangrenas, erisipelas.

Em presença de um desses misteriosos movimentos da Natureza, que a Ciência é tão impotente para explicar, aplicam-se os medicamentos usados em tal caso, isto é, os vomitórios e os cáusticos. Dever-se-á recorrer a essa cruel operação que se chama a traqueotomia e que vem a ser – praticar um buraco no pescoço da criança?

Conheço grande número de médicos que condenam o emprego desses meios violentos.

Com razão objetam que, pelo menos, é imprudente, senão perigoso, juntar à chama devoradora da febre e fogo de um corrosivo que disseca e queima a mucosa; e às contrações anormais do diafragma, já tão funestas, o espasmo do emético.

Quanto à traqueotomia, pensam eles que um problema vital desta importância não pode ser resolvido pelo cutelo, que é o pior alvitre, e não uma solução.

Nesses primeiros instantes em que os princípios mórbidos se desenvolvem com tão temível rapidez, é mister efetivamente, lançar mão do mais rápido e evitar o sofrimento tanto quanto o enfraquecimento da criança. Antes de tudo, é preciso sustentar-lhe as forças, distender-lhe os músculos contraídos, regularizar os movimentos desordenados do diafragma, revestir a reação vital de toda a energia que lhe é indispensável, a fim de restabelecer o equilíbrio tão profundamente perturbado. Em uma palavra, fazer apelo a todas as potências da vida, que, postas em jogo, são as únicas capazes de triunfarem do assalto que lhes é feito.

Mas, de que modo se deve proceder para a obtenção desse resultado?

De que modo se deve agir sobre as próprias fontes da vida?

Para fazer apelo às potências vitais e armá-las contra o mal, basta amar, querer e perseverar.

Quem poderá ter maior amor, energia e perseverança do que pai ou mãe, quando se trata da vida de um filho?

Consequentemente, quando vier a moléstia, em lugar de desfazer-vos em lágrimas e lamentos inúteis, revesti-vos de coragem, elevai vossa alma, concentrai a energia da vossa vontade na ideia de salvar o entezinho que se debate aos vossos olhos. Com o vosso sopro, com a imposição de vossas mãos e a vossa própria irradiação, podeis dar-lhes a vida.

E isto não é uma simples palavra, uma simples imagem; este poder de curar, vós o tendes bem real e materialmente; crede-me e sabeis fazer uso dele.

Começai desembaraçando a garganta, passando de leve os vossos dedos em ponta, desde a parte posterior das orelhas até as espáduas, seguindo o trajeto das jugulares. Fazei insuflações quentes no pescoço, por detrás das orelhas e sobre a nuca. Duplicai o efeito dessas insuflações, por si mesmas já tão poderosas, (assim como tereis desde logo a prova com o pronto e maravilhoso resultado que haveis de obter), praticando através das esponjas quentes, aquecidas a vapor d'água; a junção do efeito puramente físico do calor e as emanções sutis da esponja quente, arrastadas pelo sopro à corrente através dos poros da pele, aumentam sensivelmente a ação benéfica da insuflação natural.

Com que alegria, então, vereis sob vossos dedos e ao influxo do vosso sopro, renascem a flexibilidade e a vida em todas essas partes ainda tão pouco contraídas e enrijecidas! De sibilante que era, a respiração tornar-se-á fácil e regular, cessará a ansiedade e todos os sintomas alarmantes se desvanecerão como por encanto.

No momento das crises, quando vier a sufocação, ao erguer-se o doentinho no seu leito, entortando a cabeça para trás, prestes a perder a respiração, impõe fortemente as mãos, uma sobre os rins, outra sobre o umbigo, de maneira a agir sobre o diafragma, cujas contrações anormais ainda aumentam a perturbação da respiração, e em breve as contrações diafragmáticas cessarão.

Logo que se restabelecer um pouco a calma e o perigo iminente cessar, aproveitai o intervalo das crises para encher os centros vitais com as vossas irradiações. Impõe, por longo tempo, as mãos sobre a cabeça e o epigástrico; fazei longos passes, lentamente, da cabeça aos pés; em uma palavra, saturai o organismo, para robustecer a vida com vossos eflúvios vitais e premunir o doente contra novos assaltos que ele pudesse vir a sofrer. Não enfraqueçais um instante; postai-vos diante do inimigo, atento, com tensão de espírito, tendo as vossas faculdades concentradas em um só ponto, como o lutador que, havendo enlaçado o adversário, recolhe-se num supremo esforço para tentar derribá-lo. Evitai um ardor impaciente e irrefletido: toda virtude benéfica e curativa está na constância, na igualdade da ação e na mais absoluta calma. Demais, é mister economizar as forças, porque a luta pode ser longa, e se quiserdes certificar-vos do bom êxito, é necessário não abandoneis a criança, sem que ela esteja inteiramente fora de perigo.

Eis aqui o segredo desvendado: ao desvio vital, fulminante, produzido pelo crupe, é preciso opor uma espécie de transfusão da vida, que chama instantaneamente a reação e conduz ao equilíbrio. Por mais estranho que vos pareça este processo, não hesitais em empregá-lo, aguardando os socorros do médico; usa o, mesmo, para auxiliar os seus esforços. Principalmente, tende fé; não duvideis do recurso nem de vós mesmo; o emprego do sopro e da imposição das mãos para curar não é coisa nova; estas práticas datam das primeiras idades do mundo; e se eu vo-la recordo, se as recomendo, é que tive a felicidade, graças a elas, de curar do crupe meu próprio filho. Num caso absolutamente desesperador, também salvei da mesma moléstia o filho de um amigo...

Que este exemplo vos dê confiança; e quando estiverdes na presença do perigo, lembrai-vos destas palavras de Plauto: "*Hoch facere mihi corid est*", "tenho o propósito de fazer isto"

5º caso – Efeito poderoso das insuflações a propósito da morte de Jules Ferry

Se me ocupo aqui da morte deste homem político, não é que tenha a intenção de fazer o panegírico ou a crítica dos atos da sua vida: não trato de política e a única coisa que me apaixona é a filosofia dos fatos. Eis precisamente o que deparei dessa morte, a fim de patentear a inanição das coisas em geral, e da ciência médica em particular.

Eis em que termos o Figaro fez a narração do acontecimento:

"Jules Ferry volta do Senado quinta-feira à noite, às 7:15; senta-se à mesa e janta como de costume; depois, sentindo-se um pouco fatigado, deixa de ir a uma soirée para a qual estava convidado e, às onze horas, recolhe-se ao seu quarto, depois de ter conversado e trabalhado sem discrepância dos seus hábitos. Cerca de 1:30 da madrugada, é subitamente

tomado de violenta crise cardíaca; mandam chamar um médico, depois dois: eles comparecem; apesar das injeções de éter, de cafeína, de trinitrina, os sofrimentos continuam até pela manhã, com intensidade extrema; pela madrugada, um ligeiro alívio se produz; há uma conferência, mas as notabilidades médicas chamadas para socorrer o doente não o impedem de sofrer violentas opressões; dificilmente pode pronunciar algumas palavras ofegantes, entrecortadas pela brevidade da respiração, e passa a maior parte da manhã em alternativas cruéis. À noite, aumentando a ansiedade, decidem fazer-lhe uma injeção de morfina; desde então o doente cai num estado comatoso, e por volta de 6:15 expira quase sem sofrimentos, sentado numa poltrona, cercado de todos os seus, desolados completamente diante de um golpe tão imprevisto e cruel.”

E eis que um homem, cuja existência era preciosa, por muitos títulos, por isso que não somente um partido político depositava nele as suas mais caras esperanças, como ainda numerosos amigos, partidários dedicados, uma família amorosa, envolviam-no com a sua viva e profunda simpatia, é subitamente arrebatado pela morte, por essa moléstia temível a cárdio esclerose, que tanto pode ser engendrada pelo amor como pelo ódio, pela alegria como pela dor, e cuja garra de ferro constringe e sufoca o coração. Ela vem ferir o grande homem no seu lar, no apogeu do triunfo, no meio dos seus sucessos políticos e das suas afeições; o ilustre político debate-se durante vinte quatro horas; o seu cérebro poderoso procura, em vão, dominar o coração lesado; luta, dizem, com uma energia feroz, como se quisesse desafiar o destino que o comprime; e os que o cercavam – amigos, família, médicos – assistem àquela luta homérica, inconscientes, mudos, desarmados, como que fulminados pela enormidade do desastre.

Ninguém encontra um meio de favorecer aquela tentativa de reação, que ensaia a Natureza agreste do paciente; ninguém vem em seu auxílio; o único viático que a ciência médica, chamada a toda pressa, lhe traz é uma injeção de éter, uma picada de morfina, isto é, anestésicos, venenos vitais, mergulham definitivamente o doente nesse estado comatoso, precursor da morte, em que se extinguirá ao fim de alguns minutos.

Em tudo quanto o amor dos seus, tudo quanto a ciência oficial pode encontrar para salvar uma existência tão preciosa: em vez de um elemento de vida, trouxeram-lhe um elemento de morte.

Entretanto, havia alguma coisa melhor a fazer, alguma coisa muito simples e tão elementar, que, na verdade, quando o sabemos, não podemos deixar de ficar profundamente abatidos, só em pensar que nenhum dos circunstantes – amigos, parentes, fâmulos ou médicos – tivesse tido a ideia de tentá-la: bastava que fizessem insuflações quentes na base do coração!

Vejo daqui os doutos médicos que assistiram ao ilustre doente motejarem alegremente da minha ingênua afirmação e levantarem os ombros com desdém: “Como? um remédio sem importância. Algum sortilégio magnético. Deixemo-nos disso. São coisas pouco dignas da Ciência...” Sim, convenho, a insuflação magnética é um pouco menos científica, com efeito, que o vosso éter, a vossa cafeína, a vossa morfina, até mesmo a trinitrina; mas possui sobre estes específicos de laboratório a incontestável vantagem que lhe dá a Natureza – a de fazer cessar os espasmos e dissipar as constrições, despertando as funções em vez de nulificá-las.

Que os nossos muito ilustres mestres nos permitam citar-lhes um fato recente, bem aparelhado, por seu caráter sugestivo, para excitar-lhes a sagacidade. Trata-se, precisamente,

da mulher de um seu colega. Nos primeiros dias de fevereiro, recebia eu de um médico amigo o recado seguinte: “Minha pobre mulher está muito doente e confessa que, se conseguirdes, não direi curá-la, o que me parece impossível, mas somente aliviá-la e permitir-lhe viver, realizareis a meus olhos metade de um milagre.”

Essa senhora, com cerca de 58 anos de idade, tinha de há muito tempo uma grave lesão do coração, que vulgarmente se denomina angina do peito, e as coisas se tinham tão seriamente complicado, nas últimas semanas, com um estado edematoso do abdômen e das pernas, que a respiração, tornando-se muito difícil, impedia a doente de deitar-se; ela passava dia e noite numa poltrona, em estado ofegante, aflitivo, com todas as suas funções perturbadas, sem sono, já não se alimentando, incapaz de fazer movimento e parecendo, a todo momento, prestes a exalar o último suspiro.

Em algumas sessões, as insuflações processaram aquele estado de paroxismo supremo, que ameaçava a vida; uma melhora imediata se deu; o abdômen distendeu-se, a respiração tornou a ficar quase normal; e se a doente não se restabeleceu completamente, pode-se pelo menos afirmar que foi conjurado todo o perigo imediato: as funções regularizadas acarretaram o apetite e o sono, e, o que é notável, ela pode dormir e dormir toda a noite, deitada na sua cama; pode-se, portanto, sem exagero, dizer que metade do milagre pedido pelo doutor, meu amigo, foi realizado.

Mas este não é um fato insulado, como se poderia acreditar. Com outros casos, não menos típicos, poderiam ser citados. Quanto a mim, pude muitas vezes verificar o maravilhoso efeito das insuflações e tive o prazer de dominar grandes sofrimentos, graças a essa simples intervenção. Pululam os exemplos nos Anais magnéticos. Citei dois, particularmente dramáticos, no Manual Técnico; esses dois casos, que têm como protagonistas uma princesa de Ligne e o Dr. Desprez, são históricos, e não há nada de mais comvente do que a narração dessas quase ressurreições operadas pelo sopro.

É que ele traz consigo a vida, e retém-na quando ela ameaça escapar-se. Tenha-se bem em vista que não há meio mais seguro para despertar as funções adormecidas, suprimir todas as obstruções, fazer cessar os espasmos. É um meio ao alcance de todos. Se em caso algum pode ser nocivo, por que não o empregar? Será porque não seja clássico o processo? Ah! Quando se trata da vida de um de nossos semelhantes, da vida de um ser que nos é caro e que a medicina oficial, desarmada, não pode corresponder ao nosso desvelo e à nossa grande dor, trazendo um alívio ao querido enfermo, por que acalentar escrúpulos ou menosprezos? Recordemo-nos do conceito altruístico do poeta: “Nihil humani a me alienum puto.” (Nada devo ignorar ou desconhecer do que é atinente à humanidade).

É inútil multiplicar esses exemplos, numerosos por toda parte. O que quisemos demonstrar é que o Magnetismo consegue, às vezes, resolver questões filosóficas diante das quais a medicina oficial se conserva inteiramente impotente.

Seria, portanto, lamentável que a pretexto de uma questão de legalidade, muito discutível, se tentasse proscrever um meio curativo tão simples, ou pelo menos reduzir-lhe o emprego, quando os doentes desesperados podem tirar dele tão grande benefício.

O dever restrito de todo homem de bem é, pelo contrário, propagar lhe e vulgarizar lhe o emprego, no interesse da humanidade! Seria injusto obstar a aspiração generosa daqueles que se dedicam ao alívio dos sofrimentos de seus semelhantes. Por mais que finjam melindres de usurpações que a dignidade da Ciência não pode tolerar, e que se grite em todos os tons –

charlatanismo! – esta intolerância esconde um sentimento muito menos confessável; e demais, não é pela repressão que se conseguirá pôr um dique às usurpações, quaisquer que elas sejam; extirpação radical dos abusos, só se consegue pela liberdade. A liberdade é necessária à Ciência para viver, porque sem liberdade não há responsabilidade, e sem responsabilidade não há progresso. “Ora, a responsabilidade científica só terá existência plena para o médico no dia em que ele já não tiver de contar com o ministério público para a repressão do exercício ilegal.” É um dos melhores médicos de Paris quem o diz, e acrescenta muito judiciosamente:

“A responsabilidade só existirá para os doentes e para aqueles que os rodeiam quando forem instruídos; e só serão instruídos quando o forem os próprios médicos, isto é, quando as Faculdades ensinarem a ciência e não o empirismo!”

MESMER A CIÊNCIA NEGADA E OS TEXTOS ESCONDIDOS

Paulo Henrique de Figueiredo

APENDICE I: MAGNETISMO ANIMAL E HOMEOPATIA

O magnetismo animal no *Organon*

3ª Parte. Cap. 5.a §5 (571)

Além dos passes, imposições e sopros, no *Organon* recomenda-se a massagem que utiliza o magnetismo animal ou força vital:.....

REVOLUÇÃO ESPÍRITA

Paulo Henrique de Figueiredo

A TEORIA DE MEDICINA E O TRATAMENTO PELOS PASSES

Cap. 4.4.5 §22 (463)

..... Na literatura do magnetismo animal, também verificamos o uso de sopros frios ou quente, o emprego da água magnetizada pelas mãos.....

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a

consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-

lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.